

Metáforas em títulos de reportagens jornalísticas: a argumentação sob a perspectiva da teoria dos blocos semânticos¹

Giovana Reis Lunardi
Ernani Cesar de Freitas
Universidade de Passo Fundo

Resumo: O objetivo deste artigo visou demonstrar que as metáforas são construções argumentativas às quais podem ser aplicados os preceitos das Teorias da Argumentação na Língua e dos Blocos Semânticos ADL/TBS, desenvolvidas por Ducrot (1983, 1987, 1988, 2005, 2008) e Marion Carel (1992, 2005, 2008), para, com base nos Blocos Semânticos evocados pelos encadeamentos argumentativos, identificar os sentidos erigidos das metáforas selecionadas que constituem os títulos de reportagens jornalísticas. O sentido é construído pelos discursos evocados por determinadas entidades linguísticas associadas por um conector, denominados pela TBS como encadeamentos argumentativos. Foram analisados dois títulos que contêm metáforas em reportagens da revista Istoé (2011), entendidos como construções argumentativas na perspectiva da TBS. Posteriormente demonstrou-se a constituição do Bloco Semântico a partir dos títulos metafóricos e identificou-se o ponto de vista (o encadeamento) assumido pelo locutor. As análises demonstraram que é possível identificar e descrever a argumentação presente nos títulos metafóricos conforme as teorias utilizadas, constituindo-se como uma nova contribuição para os estudos linguísticos, em especial no que diz respeito à argumentação sob a perspectiva da ADL/TBS.

Palavras-chave: metáfora; Teoria da Argumentação na Língua; Teoria dos Blocos Semânticos; encadeamentos argumentativos.

1. Recebido em 02/07/2011. Aprovado em 29/09/2011.

Abstract: This article demonstrates that metaphors are argumentative constructions which can be applied to the precepts of the Theories of Argumentation in Language and of Semantic Blocks ADL/TBS, developed by Ducrot(1983,1987, 1988, 2005, 2008) and Marion Carel(1992,2005, 2008), in order to, based on the Semantic Blocks evoked by argumentative chaining, identify the erected meanings of the selected metaphors that constitute the titles of journalistic reports. The meaning is constructed by the speeches evoked by certain linguistic entities joined by a connector, called by TBS argumentative chaining. We analyzed two titles that contain metaphors in reports from Istoé magazine (2011), understood as argumentative constructions from the perspective of TBS. Then the constitution of the Semantic Block from the metaphorical title was shown and the point of view (chaining) assumed by the speaker was identified. Analysis showed that it is possible to identify and describe the argumentation present in these metaphorical titles with the theories used, establishing as a new contribution to linguistic studies, particularly with regard to the argumentation from the perspective of ADL/TBS.

Keywords: metaphor; Theory of Argumentation in Language; Semantic Blocks Theory; argumentative chaining.

Resumen: El objetivo de este artículo es la demostración de que la metáforas son construcciones argumentativas y a ellas se puede aplicar los preceptos de las Teorías de la Argumentación de la Lengua y de los Bloques Semánticos ADL/TBS, desarrolladas por Ducrot (1983, 1987, 1988, 2005, 2008) e Marion Carel (1992, 2005, 2008), para en base de los bloques semánticos evocados por los encadenamientos argumentativos, identificar el sentido que las metáforas seleccionadas eligieron, que constituyen los títulos de los informes de noticia. El sentido se construye por los discursos que evoca ciertas entidades lingüísticas unidas por un conector, llamado por la TBS como encadenamientos argumentativos. Se analizaron dos títulos que contienen metáforas en los informes de la revista Istoé (2011), entendida como la construcción de la perspectiva de la argumentación de la TBS. Más tarde se demostró la constitución del Bloque Semántico partiendo de los títulos metafóricos y identificado el punto de vista (el encadenamiento) asumidos por el altavoz. El análisis mostró que es posible identificar y describir la argumentación de los títulos metafóricos con las teorías utilizadas, estableciéndose como una nueva contribución a los estudios lingüísticos, especialmente en relación con el argumento desde la perspectiva de ADL / TBS.

Palabras clave: metáfora; Teoría de la Argumentación en la lengua; Teoría de Los Bloques Semánticos; encadenamientos argumentativos.

Introdução

Este artigo propõe uma aproximação dos estudos e teorias sobre a Metáfora, conforme Moura (2007, 2008, 2010) e Vico (1979), com a Teoria da Argumentação na Língua (ADL), em sua fase atual a TBS (Teoria dos Blocos Semânticos), desenvolvida por Oswald Ducrot, Jean Claude Anscombre (1983, 1988, 1987, 2005) e Marion Carel (1992, 1997) respectivamente.

A característica das metáforas conceituais de criarem novas categorizações (Moura 2010) para definir algo significa a criação de novos conceitos e, portanto, um processo entre a linguagem e a mente. O fato de as metáforas originarem-se das relações sintagmáticas (nessas relações é que são construídas e percebidas) e paradigmáticas faz com que seja defendida a hipótese de que as metáforas argumentam linguisticamente, ou seja, constroem o sentido através da argumentação, conforme os preceitos da ADL/TBS, a partir da interdependência semântica entre dois segmentos que estão presentes no encadeamento argumentativo. Defende-se que a primeira associação a ser feita entre a Metáfora e a ADL se dá no eixo das relações sintagmáticas² (as combinações) e o das relações associativas (a seleção); a metáfora seleciona traços comuns a dois significados que coexistem, formando um novo conceito.

A questão norteadora estabelecida é a seguinte: as metáforas podem ser compreendidas como encadeamentos argumentativos e analisadas conforme os postulados da TBS? O objetivo é demonstrar que as metáforas são construções argumentativas às quais podem ser aplicados os preceitos das Teorias da Argumentação na Língua e a dos Blocos Semânticos ADL/TBS, desenvolvidas por Ducrot (1983, 1987, 1988, 2005, 2008) e Marion Carel (1992, 2005, 2008). Partimos da hipótese de que é possível demonstrar que as metáforas são construções argumentativas, pois ocorrem a partir da construção de encadeamentos, em *donc* (DC) e *pourtant* (PT). Para viabilizar essa conjectura será analisado o *corpus* selecionado, composto por duas metáforas presentes em

2. Para a Teoria da Argumentação na Língua, as relações sintagmáticas são essencialmente relevantes para a descrição linguística.

títulos de reportagens jornalísticas oriundos de revistas de circulação nacional, através de uma pesquisa descritivo-qualitativa. Serão identificados e analisados os encadeamentos argumentativos³ correspondentes às duas metáforas mediante os quais procuramos demonstrar como são construídos os Blocos Semânticos correspondentes aos pontos de vista assumidos pelos locutores no desenvolvimento do discurso. Serão identificadas as argumentações externas e internas responsáveis pela formação dos blocos de sentido que se desdobram em “quadrados argumentativos⁴” em busca de comprovar como a metáfora encerra em si a argumentação que está na língua, de modo que são construções argumentativas. O artigo está construído em cinco partes, quais sejam: a introdução, as revisões teóricas sobre a metáfora e sobre a ADL até a fase atual, a TBS; as análises e as considerações finais. Segue o subtítulo referente aos estudos teóricos acerca da metáfora.

Os estudos sobre as metáforas

Considerada como recurso para criar novos sentidos, a metáfora é definida como “o emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de qualquer elemento que introduz formalmente uma comparação” (Fiorin 2008: 71). Esse elemento seria uma conjunção comparativa (como, tal qual, tão, mais do que, dentre outras), que não está presente na metáfora e tampouco é necessária. A metáfora é a criação de um signo conotado, a partir de dois signos, sendo o “acréscimo de um significado a outro” (Fiorin 2008: 71), quando entre eles há uma relação de interdependência⁵, de semelhança em alguma característica. Na medida em que acresce um significado a outros, as metáforas organizam o sentido do

3. Conforme Carel (1992), cada encadeamento argumentativo é constituído por dois segmentos, A e B, unidos por um conector, A CONECTOR B.

4. Conforme Ducrot e Carel (2005, p. 45) o quadrado argumentativo é formado pelos segmentos A e B que originam quatro aspectos de um mesmo bloco semântico e, entre os quatro ângulos do quadrado, há uma relação discursiva.

5. Remete à *interdependência semântica* proposta pela ADL.

discurso e encadeiam os segmentos discursivos. O linguista José Luiz Fiorin (2008: 71) defende que “a metáfora é oriunda de um sentido conotativo da palavra, que não ocorre de maneira isolada, mas de um fato discursivo”, isso porque é a não pertinência de um sentido denotado que faz com que se entenda o sentido conotado.

Tomando essa pertinência sob a perspectiva da ADL, o encadeamento argumentativo na metáfora ocorre a partir do sentido conotado e é através da polifonia⁶ que o locutor assume um ponto de vista (Ducrot: 1987). Esse ponto de vista poderia ser assumido pelo locutor com o sentido denotado da expressão metafórica, ou seja, caso a metáfora seja entendida denotativamente, esse ponto de vista seria atribuído a um enunciador; caso seja entendida denotativamente, seria atribuído a outro. Composta por um tópico⁷ e um *veículo* (Moura 2010), que associam diferentes ou semelhantes campos semânticos (conjunto de palavras), uma metáfora pode fazer com que seja construída outra metáfora, a partir de combinações sintagmáticas dentro de uma frase. O *tópico* da metáfora será entendido neste artigo como o *segmento A* e o *veículo* como sendo o *segmento B*, juntos têm uma interdependência que constrói o encadeamento argumentativo, formando assim o sentido da metáfora.

São as metáforas construídas pela utilização dos recursos de dois polos ou, chamados de dicotomias, sendo o pensamento *versus* linguagem e a palavra *versus* sentença (Moura 2008). O pensamento se apropria de relações semânticas existentes no sistema lexical da língua; será a escolha lexical que determinará uma adequada construção metafórica, uma vez que as relações semânticas são inesperadas. Posteriores pesquisas passam a estudar a metáfora

6. No decorrer deste artigo será explicitado o conceito de polifonia, cunhado por Oswald Ducrot (1987).

7. Moura (2007, 2010) teoriza que a metáfora é composta por dois elementos, aquele ao qual se quer definir e o elemento que o caracteriza, este último pode ser de diferentes classes gramaticais. O *veículo* na metáfora possui dupla referência, uma literal e outra metafórica; a interpretação depende da relação entre o tópico e o veículo. O tópico é o elemento que recebe a nova categorização. Segundo Moura (2007, p. 419-420), “a metáfora é uma asserção de categorização, ou seja, ela afirma a inclusão de uma entidade (o tópico da metáfora) numa categoria ou classe (o veículo da metáfora)”.

como uma maneira de interpretar o mundo, pois “pensar é compreender uma metáfora” (Moura⁸ 2008: 183). É estreitada a relação entre o pensamento e a linguagem no processo de compreensão de uma metáfora, pois é preciso pensar para compreendê-la, e para construí-la também, visto que se ativam conhecimentos de outros conceitos que estão relacionados. “É com o pensamento que se associam conceitos, e na linguagem dá-se a criação de “paradigmas lexicais no uso de analogias metafóricas” (Moura 2010).

Dentre as teorias que estudam a Metáfora, é a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) que deslocou a metáfora do âmbito da linguagem para âmbito do pensamento. “Outrora se tomava a metáfora apenas como uma função estilística, ornamental, mas ela não significa apenas trocar palavras, como figura de linguagem, é um recurso cognitivo” (Veneza 2010: 06) que necessita da ativação de conhecimentos para ser compreendida. A interpretação da metáfora é responsável pela construção da argumentação discursivamente, como recurso linguístico-cognitivo – torna-se uma abordagem do sistema linguístico para o uso da língua. Muitos teóricos, dentre eles Fiorin (2008: 86), defendem que a metáfora é um procedimento de construção do sentido, pois os tópicos do texto “vão se encadeando metaforicamente”. Sendo assim, é pertinente a relação feita entre a metáfora com os encadeamentos argumentativos da TBS, conforme a proposta deste artigo.

O percurso da Teoria da Argumentação na Língua à Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria da Argumentação na Língua (em francês “*Argumentation dans la Langue*”, abreviado ADL) foi fundada no ano de 1983 pelos franceses Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombre, visando à elaboração de uma descrição semântica da língua, a partir da própria língua. Com base em seus estudos sobre a pressuposição, a teoria tem como principal postulado que “a argumentação está na língua” (Ducrot, 1988). Não se trata de uma argumentação retórica, mas

8. Em referência a Pinker (2007, p. 238).

sim linguística e de natureza estruturalista, por isso vinculada à Saussure; a escolha lexical intervém e determina o sentido construído no discurso, isto é, as palavras têm função argumentativa e não informativa. O estruturalismo de Saussure é aplicado à ADL na medida em que o significado de uma expressão se encontra nas relações dessa com outras expressões da língua, nas relações entre o significado de um signo com outros signos. Assim, o enunciado pode ter várias conclusões, que não estão “prontas” e não seguem um padrão de verdade; para ADL, o *valor argumentativo* da palavra é a orientação que ela dá ao discurso, é o conjunto de possibilidades de continuação discursiva (Ducrot 1988). Propondo uma semântica argumentativa à Linguística, a ADL continua sendo estudada por Ducrot e seus colaboradores, contando com as seguintes fases na sua evolução: a forma *Standard* (1983)⁹; a forma *Standard Ampliada* (1988); a *Teoria dos Topoi* e a *Teoria Polifônica da Enunciação* (1987), e a fase atual, que é a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), a partir da tese de doutorado de Marion Carel (1992). A TBS é uma teoria que explica o sentido argumentativo dos enunciados, de modo que as palavras são descritas não a partir de um conhecimento prévio da realidade, mas sim através de suas potencialidades discursivas. Conforme Freitas (2007: 111-112),

Anscombre e Ducrot consideram que a língua não informa sobre o mundo, mas que comporta indicações de caráter argumentativo, caráter que, além disso, constrói a função primeira e primária da língua, de modo que não somente as dinâmicas discursivas, mas também o léxico e a própria estrutura semântica profunda da língua comportam um valor argumentativo. E mais, Anscombre e Ducrot consideram que a significação é de natureza instrucional, um modo de emprego, uma função que comporta parâmetros e variáveis a partir dos quais pode calcular-se o sentido dos enunciados. Deste modo, o enunciado não remete ao mundo,

9. Na ADL, a tese de que “a argumentação está na língua” é explicada através da relação entre o argumento A e a conclusão C. A Forma Standard Ampliada acrescenta a noção dos *topoi* e da polifonia; a forma atual/TBS acrescenta os blocos semânticos. Neste artigo nos deteremos na última versão da teoria, a TBS.

mas a outros discursos dos quais esse enunciado é a continuação ou que pode ser sua continuação.

Nota-se como a ADL/TBS visa a uma descrição linguística da língua, sem ater-se ao conhecimento contextual do mundo; a maneira como o enunciado dirige o discurso para diferentes direções constrói os possíveis sentidos. Assim, o sentido é concebido em termos de argumentação, para a linguista M. Carel (2005: 84) *argumentar é formar blocos semânticos* mediante a construção de encadeamentos argumentativos. O termo *encadeamento argumentativo* é definido pela ADL/TBS como o nível fundamental da descrição linguística, forma-se na relação entre um *segmento A* unido por um conector a um *segmento B*, cuja interdependência semântica constrói o sentido do enunciado, essa interdependência exprime um bloco semântico. Eles podem ser do tipo *normativo*, encadeados por conectores em *donc* (abreviado por DC), palavra francesa traduzida como “portanto”, percebe-se que são conclusivos. E do tipo *transgressivo*, encadeados por *pourtant* (abreviado por PT), traduzidos como “mesmo assim” (ou “no entanto”), entendidos como adversativos. O sentido de uma expressão (palavra ou enunciado) é constituído pelos “discursos que essa expressão evoca” (Carel; Ducrot 2005: 29), ou seja, o sentido está expresso nos encadeamentos. Com base na relação entre os segmentos *A DC B* podem ser construídos oito¹⁰ conjuntos de encadeamentos que são chamados de *aspectos argumentativos*, sendo agrupados em dois blocos semânticos, de quatro aspectos cada um: BS1 (Bloco Semântico) e BS2. Esse bloco de aspectos foi denominado por Carel (1992) *quadrado argumentativo*, sendo que o primeiro agrupamento¹¹ é que será desenvolvido nas análises deste estudo. A autora define que o BS1 (chamado doxal) se configura com os seguintes aspectos: *A DC B*; *neg-A DC neg-B*; *neg-A PT B*; *A PT neg-B*. Já o BS2 chamado de paradoxal apresenta os aspectos *A DC neg-B*; *neg-A DC B*; *neg-A PT neg-B*; *A PT B*.

10. Os oito aspectos correspondem aos dois blocos de sentido propostos pela ADL/TBS, sendo um bloco doxal e outro paradoxal, cada bloco constitui-se de quatro encadeamentos argumentativos.

11. Aspectos *A DC B*; *neg-A DC neg-B*; *neg-A PT B*; *A PT neg-B*.

A forma *Standard* da teoria considerava apenas as relações normativas, mas os estudos de Marion Carel (1992) apontaram que *na regra está a exceção*, por isso o sentido de uma entidade linguística consiste em argumentações normativas e também transgressivas. Ao dizer *Faz sol, portanto vamos passear*, estabelece-se o bloco cuja relação semântica relaciona *Fazer sol/Ser agradável passear*, ou seja, o encadeamento é normativo (A DC B), mas também pode ser transgressivo, dando-se o aspecto chamado converso (A PT neg-B) *Faz sol, mesmo assim não vamos passear*. À proposição que menciona a *interdependência semântica*, com relação à metáfora, (Moura 2008: 189) dá respaldo para autonomia da palavra com relação à frase através do seguinte comentário: “[...] que a interpretação de uma metáfora depende da combinação sintagmática dentro de uma frase e não apenas de paradigmas lexicais considerados fora do contexto.” As combinações sintagmáticas das palavras na metáfora relacionam-se à escolha do encadeamento assumido pelo locutor, ou seja, “[...] uma mesma palavra pode receber diferentes interpretações metafóricas dependendo do tópico com o qual se combina Moura (2008: 189)”. Demonstrando a dependência semântica entre o tópico e o veículo, na metáfora, Moura (2008, p. 189) destaca que um verbo, como uma palavra, podem gerar diferentes sentidos conforme diferentes interpretações metafóricas. Os enunciados apresentados pelo estudioso são: (1) *Eles querem engessar o juiz*; e (2) *Engessar a felicidade daquela mulher*; utilizando-se dos conectores pilares da ADL/TBS, tem-se a relação de interdependência mencionada: Em (1) Engessar DC não agir, e em (2) Engessar DC não acontecer. O sentido, em ambos os exemplos, não-literal (conotativo) do verbo *engessar* constrói diferentes possibilidades de interpretação, conforme a combinação sintagmática dentro de uma frase. Em (1) o tópico é *um ser humano (juiz)* e o verbo é entendido no sentido de *não-agir*; em (2) o tópico é *um conceito abstrato (felicidade)* e deve ser compreendido no sentido de *acontecer*. Essa compreensão, para a TBS, está relacionada aos pontos de vista presentes no enunciado, que caracterizam o enunciado como polifônico.

Ducrot (1987) desenvolve a Teoria da Polifonia investigando sobre diferentes funções do sujeito falante; as vozes presentes no enunciado, sendo:

o *sujeito empírico* (SE), o *locutor* (L) e o *enunciador* (E). O SE é o produtor do enunciado, que, para Ducrot (1988: 17), é menos relevante do que se preocupar com o sentido do dizer, o linguista semanticista deve descrever o que diz o enunciado, o que ele comporta.¹² Já o locutor (L) é o responsável pela enunciação, quem fala/produz o enunciado.¹³ Enunciadores são os personagens que no teatro representado pelo enunciado manifestam diferentes pontos de vista, essa diversidade é que recebe a denominação de polifonia. Ducrot (1988) ainda destaca que a pressuposição (afirmação que não pode ser negada e é entendida a partir do que é posto) e a negação também são indícios de polifonia presentes no enunciado. Assim, “dar o significado de uma expressão é associar-lhe diferentes argumentações que são evocadas por seu emprego” (Ducrot; Carel 2008: 10). Se os enunciados podem fazer sentido de maneira conotativa ou denotativa, é o encadeamento assumido que indicará o sentido pretendido com a utilização das metáforas no discurso. No enunciado *Curitiba é uma cidade fria*, existem duas possibilidades de construção do sentido. Pode-se encadear: “É fria DC tem baixa temperatura” ou “É fria DC é insensível/pouco carismática.” Portanto, não basta saber o significado das palavras, oriundo dos dicionários, é preciso analisar a continuação do discurso com base nos preceitos da ADL. As palavras ganham novos sentidos com as metáforas conforme o encadeamento que assumem como esquemas de representação. Assim, estabelecemos relação entre a metáfora e os princípios da ADL, para a qual somente a continuação do discurso pode dar sentido às palavras (Ducrot; Carel 2005). Conforme Ducrot (1988: 99), “só há argumentação se o locutor se identifica com um enunciador que argumenta”.

A produção de metáforas relaciona-se com a semântica de uma dada língua, convocando um *paradigma de signos*, ou seja, há um paradigma de

12. “[...] el lingüista semanticista debe preocuparse por el sentido del enunciado, es decir, debe describir lo que dice el enunciado (tradução nossa)

13. Ambos são diferentes, Ducrot explica que com frequência é um personagem fictício a quem o enunciado atribui a responsabilidade pela enunciação. Atribuir a fala a seres que são incapazes de falar é uma indicação da diferença L/SE. Como por exemplo, estampas de camisetas com frases ou provérbios, onde não há um L, mas há um SE e enunciadores.

possibilidades às quais um tópico pode ser associado para construir uma metáfora. Partindo das análises e da identificação dos encadeamentos pertencentes aos blocos semânticos é mantida a hipótese, em paráfrase com Ducrot (1988), de que a *argumentação está na metáfora*. Ao formar os encadeamentos argumentativos dos diferentes aspectos de um bloco semântico com base em uma metáfora, é possível constatar a argumentação presente na língua. A hipótese deste artigo, de que *as metáforas são construções argumentativas*, ancora-se, para defesa e afirmação, nos dois seguintes motivos: primeiramente, ela pretende “persuadir”, ou seja, argumentar em favor da construção metafórica, diga-se, da nova definição, com a mudança de categoria¹⁴, depois da definição do tópico, através de uma escolha analógica do(s) veículo(s). O segundo motivo é dado pela possibilidade de construir encadeamentos argumentativos mediante a relação entre o tópico e o veículo, correspondendo a um aspecto *A CON B* (segmento A conector¹⁵ segmento B). A TBS “entende o sentido de uma entidade *e*, como sendo os aspectos (conjuntos de encadeamentos) que são a ela associados” (Ducrot; Carel 2005: 62). Assim, a ADL/TBS postula que os únicos conjuntos de discursos doadores de sentido são os “encadeamentos argumentativos”¹⁶, que só adquirem sentido quando relacionados entre si, constituindo um bloco semântico. Para construir a argumentação do léxico, dito por Ducrot (2002: 08): “Um aspecto pode estar associado a uma entidade de modo interno ou externo”. Relacionado à entidade de modo *externo à direita* são encadeamentos que partem da entidade, abreviados por *eAE* (argumentação externa à direita da entidade); ou *externo à esquerda*, são encadeamentos que vão até a entidade, abreviado *AEe*¹⁷. Ducrot (2002: 09) exemplifica que o aspecto “ter pressa DC agir rapidamente” é uma

14. Categorização como maneira de definir ou dar adjetivos ao tópico (MOURA, 2010).

15. *Donc* ou *Pourtant* (DC ou PT).

16. Como já mencionado anteriormente, são sequências de duas proposições que, ligadas por conectores do tipo normativos (*donc*) ou do tipo transgressivos (*pourtant*), constroem um sentido.

17. Ducrot e Carel (2005, p. 63) explicam as AE à direita e à esquerda da entidade, como sendo aspectos: “*e CON X*” e “*X CON e*”, respectivamente.

eAE expressão ter pressa. Já sua *AEe* seria “estar apressado DC ter pressa”. Com isso se percebe a entidade a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua.

A semântica da língua permite que haja relações normativas e transgressivas no discurso, uma vez que se pode assumir a *argumentação externa à direita* “ter pressa DC agir rapidamente” e também seu aspecto converso “ter pressa PT não agir rapidamente”, conforme a situação discursiva. Quando se trata de uma AE à esquerda da entidade, cujo aspecto é “X CONN Y”, ela também apresenta o aspecto dito “transposto”, “neg-Y CONN’ X”, assim “ter pressa DC apressar-se” contempla “não ter pressa PT apressar-se” Ducrot (2002: 09)¹⁸. Já a argumentação interna (AI) à entidade, é relativa aos encadeamentos que parafraseiam essa entidade e da qual ela não faz parte, pelo exemplo de Ducrot (2002: 09), a AI de *prudente* é “perigo DC precaução”. Sabemos que uma pessoa que é prudente toma precauções e o aspecto converso não poderia estar associado, o que já diferencia a AI da AE, porque “perigo PT neg-precauções” seria a AI da entidade *imprudente*.

São fundamentais para o estudo da lexicalização das palavras na língua o conhecimento das AE e AI, todavia elas somente são aplicadas às chamadas *palavras plenas*, caracterizadas por possuírem um “conteúdo”. A ADL/TBS também apresenta as *palavras instrumentais*, que, embora tenham valor semântico, não são associadas a conjuntos específicos de aspectos e discursos, elas são divididas, conforme Ducrot (2002: 12), em: conectores, articuladores e operadores (modificadores e internalizadores). É no importante artigo sobre “Os Internalizadores” que Ducrot (2002) insere, na teoria, a noção de internalizadores, a qual distingue dois modos como os aspectos podem estar associados às palavras. Eles modificam a argumentação de uma palavra plena na medida em que assumem um DC ou PT, mobilizando-os para construir o sentido da entidade. A título de exemplificação, tem-se a *eAE* da entidade *encontrar*: “procurar DC encontrar”, com seu aspecto converso “procurar PT neg-encontrar”. Ao combinar o internalizador “em vão”, este assume

18. Conforme o teórico (*idem*) CONN’ designa PT, se CONN designa DC, e inversamente.

a AE transgressiva como sendo a AI da expressão “procurar em vão”, qual seja: “procurar PT neg-encontrar”, isso então se denomina *internalizador transgressivo*. Há também os modificadores, que determinam os predicados (nome ou verbo), podendo diminuir ou aumentar a aplicabilidade destes, sendo “realizantes (MR) os que aumentam essa força e “desrealizantes” (MD), aqueles que a diminuem ou invertem. Segue, após essa explanação teórica, a metodologia de análise do *corpus* utilizado nesta pesquisa.

Metodologia

Para aplicar os preceitos da AD/TBS e intencionando afirmar a hipótese de que na metáfora a argumentação se circunscreve, que está na língua, foram selecionados dois títulos metafóricos de revistas jornalísticas, de circulação nacional, exemplares do ano de 2011. Uma vez que apresentam reportagens que circulam e são lidas por várias pessoas, justifica-se a necessidade de investigar e explicar a metáfora como fenômeno linguístico que implica argumentação. À luz da Semântica Argumentativa (ADL/TBS) são identificados, primeiramente, os encadeamentos normativos oriundos das metáforas dos títulos selecionados, em busca do sentido assumido no enunciado pelo locutor, tendo como ponto de partida a interdependência semântica entre um *segmento ou entidade A* e um *segmento B*, como já mencionado. Posteriormente, identificadas as argumentações externas (AE) à direita e à esquerda das palavras que formam as metáforas e suas argumentações internas (AI). Identificados os blocos semânticos correspondentes ao encadeamento que melhor representa a metáfora, no que diz respeito à argumentação correspondente, serão construídos os quadrados argumentativos. Temos como premissa neste estudo que o discurso metafórico é polifônico, isso pode ser observado diante dos aspectos do bloco semântico¹⁹ construído após a identificação dos encadeamentos argumentativos oriundos do tópico

19. Lembrando que, pertencer ao mesmo bloco significa, conforme Ducrot e Carel (2005:45) que existe a mesma interdependência semântica entre A e B.

e veículo da metáfora; tais aspectos são possibilidades que o enunciador pode assumir ou não. Diante disso, destacamos que a metodologia de análise do *corpus* deste artigo prevê:

- Selecionar duas metáforas em títulos de reportagens nas revistas Istoé (2010);
- Identificar os encadeamentos argumentativos, em *donc* e *pourtant*, formados a partir das metáforas e construir os blocos semânticos correspondentes ao ponto de vista assumido pelo enunciado no discurso, ou seja, será observado qual encadeamento contém o sentido descrito pela metáfora e quais as possibilidades de argumentação dadas pelos diferentes aspectos do Bloco Semântico;
- Mostrar as AEs (Argumentações Externas) das entidades lexicais dos títulos metafóricos e as respectivas AIs (Argumentações Internas);
- Elaborar um Quadro-síntese e depois os respectivos Quadrados Argumentativos – um para AE e outro para AI de cada metáfora, e ao final realizar análise desses dois quadros para melhor compreensão da relação das AE e AI com o sentido do encadeamento.
- Estabelecer o quadrado argumentativo, após selecionar encadeamentos argumentativos correspondentes às AE e AI de cada Bloco Semântico presente nas metáforas selecionadas;

Análise das metáforas na perspectiva da TBS

Ducrot (1988) enfatiza que *a argumentação está na língua* e não nos fatos, que o valor argumentativo de uma palavra (ou entidade lexical) é o nível principal da descrição semântica. As análises demonstrarão que o tópico da metáfora (segmento A) construirá o encadeamento argumentativo – como

já denominado, é uma relação entre dois segmentos e um conector – com o veículo (segmento B) do qual se tem o sentido do enunciado. Os títulos/enunciados metafóricos são:

- (1) *Pré-sal, um bilhete premiado.* (Isto É 2011:52)
- (2) *Onde Lula é rei.* (Isto É 2011: 60)

Buscando similaridade entre características nos dois conceitos associados (o tópico e o veículo²⁰), a metáfora constrói uma nova categorização para o tópico. Em (1) há uma associação entre dois objetos concretos (pré-sal/bilhete premiado); em (2) entre ser humano e título de nobreza (Lula/rei). Nos dois enunciados estão relacionados elementos de uma mesma classe gramatical (substantivo). O conhecimento lexical ativado pela relação cognição/mente (Moura 2008) e a estrutura sintática (sujeito + predicativo do sujeito) fazem compreender cada metáfora. Para a TBS, o sentido só é possível de ser construído através da relação entre *segmento 1 e segmento 2* ligados por um conector (CON), e é essa interdependência dá origem a uma unidade de sentido, um bloco que não pode ser dissociado. A lexicalização das metáforas se dá pela associação de encadeamentos argumentativos às palavras que a compõem para descrevê-las semanticamente. Conforme estabelecido por Ducrot e Carel (2005: 63), AE à direita e à esquerda da entidade, como sendo aspectos “*e* CON X” e “X CON *e*”, respectivamente, serão abreviadas nas análises as argumentações como *e*AE (à direita) e AE*e* (à esquerda).

Neste momento, apresentamos a análise da descrição do sentido argumentativo nas duas metáforas selecionadas, através da descrição das AE e AI, do bloco semântico e da construção dos quadrados argumentativos.

- (1) **Pré-sal, um bilhete premiado** (Isto É 2011: 52)

20. Como já mencionado aqui serão entendidos como segmento A e segmento B.

Admite-se nesse título, por metáfora, que *o pré-sal é um bilhete premiado*. Dado o discurso que estabelece a interdependência semântica entre o segmento *A* e o segmento *B*, tem-se no discurso do título da reportagem jornalística que os encadeamentos argumentativos evocados e suas argumentações externas à direita da palavra *pré-sal* e da palavra *bilhete premiado* constroem o sentido do discurso, os quais são listados a seguir. São apresentadas, logo após a metáfora (1), primeiramente as AEs cujo referente é *Pré-sal* para depois constarem as AEs da entidade lexical *bilhete premiado*.

- (1.1) É pré-sal DC ser um bilhete premiado. – **eAE**
(argumentação externa à direita da entidade lexical *pré-sal*)
- (1.2) Explorar a camada pré-sal DC ter lucros. – **eAE**
- (1.3) Ter a camada Pré-sal DC ter um tesouro. – **eAE**
- (1.4) *Ter a camada Pré-sal DC enriquecer*²¹. – **eAE**
- (1.5) Ter bilhete DC concorrer a prêmio. **eAE** (da entidade lexical *bilhete*)
- (1.6) Ter bilhete DC pode ser sorteado. **eAE** (da entidade lexical *bilhete*)
- (1.7) Ter bilhete premiado DC ganhar prêmio/enriquecer. – **eAE** (argumentação externa à direita da entidade *bilhete premiado*)

Partindo das AE (à direita e à esquerda), constroem-se argumentações internas (AI) que tratam especificamente da lexicalização da entidade. “A lexicalização de uma entidade é dada pelo bloco semântico e seus aspectos transgressivos e normativos associados a ela” (Carel 1998: 71). As argumentações internas são paráfrases e nelas não consta a própria entidade lexical, mas sua paráfrase. As AIs das entidades lexicais *Pré-sal* e *bilhete premiado* são as seguintes:

21. Destacamos em itálico esse encadeamento argumentativo porque com ele será desenvolvido o Quadrado Argumentativo na sequência da análise, nas duas metáforas utilizadas como *corpus*.

- (1.8) Sorteio/prêmio DC concorrer. – **AI** bilhete
- (1.9) Cédula de rifa DC concorrer. – **AI** bilhete
- (1.10) Ser sorteado DC ganhar. – **AI** bilhete premiado
- (1.11) Estar premiado DC ganhar. – **AI** bilhete premiado
- (1.12) Camada profunda DC reserva de petróleo. – **AI** de pré-sal
- (1.13) Reserva de petróleo DC obter lucros. – **AI** de pré-sal
- (1.14) Ter camada de petróleo DC enriquecer. – **AI** da metáfora “Pré-sal, um bilhete premiado”

Definiram-se três argumentações externas à direita da entidade lexical *pré-sal*, abreviadas por *eAE*, sendo argumentações que partem da entidade para o argumento. Identificam-se duas argumentações externas à direita de X (nesse caso, *bilhete* é entendido como X), (1.5) “ter bilhete DC concorrer a prêmio”; (1.6) “ter bilhete DC pode ser sorteado”. Dentre as argumentações internas, há diferença nas entidades lexicais *bilhete* e *bilhete premiado*, os encadeamentos (1.8) e (1.9) diferem em termos de sentido dos encadeamentos (1.10) e (1.11). A modificação é dada pela expressão *premiado*, que se classifica como “modificador realizante”²², isso porque “uma palavra instrumental Y é dita modificador em relação a uma palavra X se a AI do sintagma XY é feita somente com as palavras plenas contidas na AI de X” (Ducrot 2002: 12). O modificador não introduz nenhum termo novo nos aspectos que constituem a AI de X, ele apenas reorganiza, combinando-as de um modo novo com os conectores e negação. Então, a AI do sintagma XY (*bilhete premiado*) é “ser sorteado DC ganhar” (1.10) ou ainda “estar premiado DC ganhar” (1.11), ou seja, são modificações da AI de bilhete que é “sorteio/prêmio DC concorrer” (1.8) e “cédula de rifa DC concorrer” (1.9); percebe-se que a AI de XY contém as palavras da AI de X.

22. Ducrot (2002, p. 12) propõe como exemplo o sintagma “problema fácil”, sendo a AI de *problema* o aspecto “esforço PT neg-compreensão”, a AI alterada pelo modificador realizante “fácil” é “esforço DC compreensão”.

Existe também a venda de falsos bilhetes premiados, todavia não é esse o encadeamento proposto pela metáfora no título. Mas sim de um *bilhete* que foi sorteado/premiado, portanto receberá um prêmio; o petróleo ainda não foi retirado, mas vai gerar lucros. Com relação à descrição semântica da palavra *pré-sal*, a AI é “camada profunda DC reserva de petróleo”. Suas possíveis argumentações externas à direita estão relacionadas nos itens (1.1), (1.3) e (1.4). Lembrando que todas as AE têm por característica o aspecto converso, seja X PT neg-Y, que poderia ser assumido por polifonia o aspecto converso a “É pré-sal PT neg-ser um bilhete premiado” (1.1), ou a “Ter bilhete premiado PT neg-ganhar prêmio/enriquecer (2.1).” Entretanto, o título assume os aspectos normativos na constituição de seu sentido.

Conforme mencionando na reportagem (Isto É 2011: 54), o pré-sal é uma camada de cerca de 1,6 trilhões de metros cúbicos de gás e óleo enterrada a sete mil metros (afirmação que tem relação com o encadeamento 1.12) – nas profundezas do oceano brasileiro (entre os estados do Espírito Santo e Santa Catarina); ainda não começou a ser explorado (a previsão é para 2014), mas crescem os investimentos e a geração de empregos [...] (Isto É 2011: 54). Essas gigantescas reservas já começaram a mudar o país, gerando muitos empregos: “[...] depois que os poços passarem a jorrar diariamente sua plena produção, a estimativa é que as reservas do pré-sal valham algo em torno de 50% do PIB brasileiro, ou seja, cerca de R\$ 1,5 trilhão (Isto É 2011: 54)”. O que tem a ver o bilhete premiado com o pré-sal? A relação se dá pelo fato de que um bilhete premiado dará ao portador um prêmio, algo bom, valioso, portanto o Brasil – que é o dono do pré-sal –, ganhará um prêmio, nesse caso muito dinheiro e enriquecerá, no decorrer dos próximos anos de exploração dessa camada, o que poderá transformá-lo em um país exportador de petróleo. Para a descrição da metáfora define-se como AI do sintagma “Pré-sal, um bilhete premiado”, o encadeamento de aspecto normativo (1.14) “ter camada de petróleo DC enriquecer”, que lhe é uma paráfrase. A argumentação se constrói em dois segmentos inseparáveis que, juntos, constituem o sentido do encadeamento, podendo ser normativo ou transgressivo, que é a maneira pela qual se representa o bloco semântico. Para que a visualização seja

facilitada e que se percebam as correlações entre as AE e AI das entidades lexicais mobilizadas pela metáfora, apresenta-se quadro-síntese a partir do encadeamento oriundo do título metafórico “Pré-sal DC bilhete premiado”.

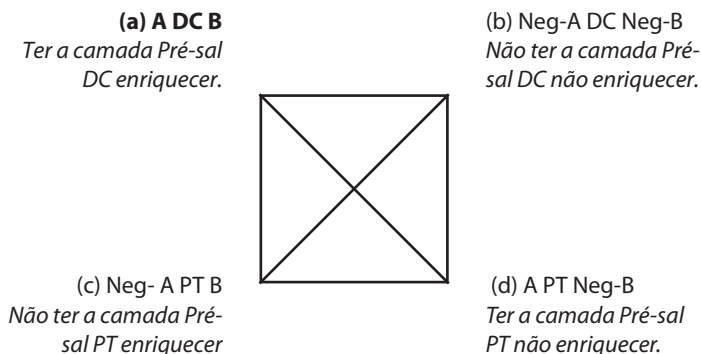
Quadro 1 – Metáfora I Pré-sal/bilhete premiado

Fonte: Elaborado pelos autores

Encadeamento – Pré-sal DC bilhete premiado		
AE à direita da entidade lexical <i>Pré-sal</i>	AE à direita da entidade lexical <i>bilhete e bilhete premiado</i> .	AI – <i>Pré-sal, bilhete e bilhete premiado</i>
(1.1) É pré-sal DC ser um bilhete premiado.	(1.5) Ter bilhete DC concorrer a prêmio.	(1.8) Sorteio DC concorrer.
(1.2) Explorar a camada pré-sal DC ter lucros.	(1.6) Ter bilhete DC pode ser sorteado.	(1.9) Cédula de rifa DC concorrer.
(1.3) Ter a camada Pré-sal DC ter um tesouro.	(1.7) Ter bilhete premiado DC ganhar prêmio/enriquecer.	(1.10) Ser sorteado DC ganhar.
(1.4) <i>Ter a camada Pré-sal DC enriquecer.</i>		(1.11) Estar premiado DC ganhar.
		(1.12) Camada profunda DC reserva de petróleo
		(1.13) <i>Reserva de petróleo DC obter lucros.</i>
		(1.14) Ter camada de petróleo DC enriquecer.

É a partir da AE e depois da AI que se apresentarão os Quadrados Argumentativos correspondente ao BS1 e BS2 (Bloco Semântico 1 e 2), ambos que constroem o sentido da metáfora, para, logo em seguida, inserir outras considerações. Desse modo, entre os encadeamentos normativos assumidos pelo locutor, será desenvolvido, diga-se construído o quadrado argumentativo do bloco semântico correspondente ao encadeamento normativo (1.4), que é argumentação externa à direita da entidade lexical *pré-sal*, como BS1, isto é, a relação entre os dois segmentos que dá origem a um sentido, um *bloco semântico* com quatro aspectos que compõe o quadrado argumentativo.

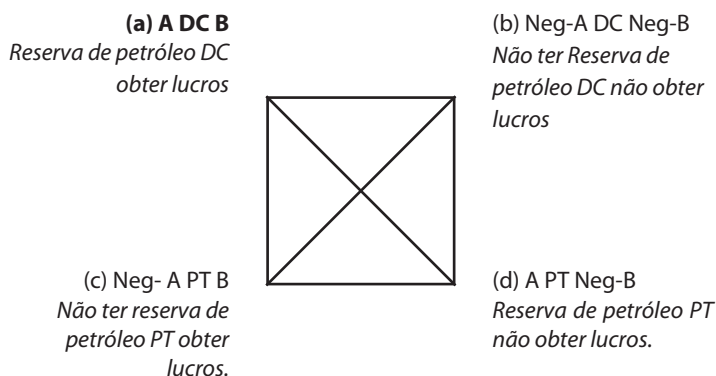
BS1 – metáfora (1), encadeamento (1.4)



São considerados conversos os aspectos (a) e (d) e (b) e (c), os aspectos (a) e (b) e (c) e (d) são recíprocos e os aspectos (a) e (c) e (b) e (d) são transpostos. Essas relações correspondem às relações discursivas. Os encadeamentos *recíprocos* consistem em negar os termos que se encontram de um lado e do outro do conector (DC/PT). Nos *conversos*, muda-se o conector e o segundo termo é negado, e nos encadeamentos *transpostos* nega-se o primeiro termo, muda-se o conector, e mantém-se o segundo termo.

Verifica-se que é assumido pelo locutor o aspecto normativo em DC (a), “*Ter a camada Pré-sal DC enriquecer*”, que é oriundo do título/metáfora e, portanto, constrói o sentido do discurso metafórico. Ao demonstrar o quadrado argumentativo, confirma-se a hipótese de que a metáfora é uma construção argumentativa, porque apresenta outros pontos de vista (polifonia) e “argumentar é formar blocos semânticos” (Carel 2009: 84). Podemos perceber que as metáforas são argumentativas e também polifônicas, porque apenas um ponto de vista é assumido, em detrimento da possibilidade dos outros enunciadores evocarem diferentes encadeamentos. Por polifonia poderiam ser assumidos outros pontos de vista, ou seja, (b), (c) e (d). Abaixo segue o quadrado argumentativo BS2, correspondente ao encadeamento (1.13) “Reserva de petróleo DC obter lucros”, que é a argumentação interna da entidade lexical *Pré-sal*.

BS2 – metáfora (1), encadeamento (1.13)



Pelo desenvolvimento do BS2, verifica-se que o quadrado argumentativo apresenta diferentes possibilidades discursivas (aspectos) para que o locutor assumira um ponto de vista/encadeamento argumentativo. Pela análise do título da reportagem, percebe-se que o encadeamento normativo (a) “Reserva de petróleo DC obter lucros” é assumido por polifonia pelo locutor. O fato de o discurso metafórico ser polifônico é constatado diante dos aspectos do Bloco Semântico construído a partir do tópico (Pré-sal) e veículo (bilhete premiado) da metáfora, que podem ser assumidos de maneira conotativa ou denotativa. É somente na relação entre os segmentos que é possível construir o sentido. Descrever semanticamente uma palavra, para a TBS, é indicar os aspectos que constituem suas AE e AI, manifestando “os encadeamentos argumentativos que a língua lhes associa” (Ducrot 2000: 26).

São apresentadas, logo após a metáfora (2), primeiro as argumentações externas cujo eferente é *Lula*, para depois seguirem as argumentações externas da entidade lexical *rei*. Para analisar a metáfora (2), de início é preciso perguntar quais as semelhanças do ex-presidente Lula (o tópico/segmento A) com um Rei (o veículo/segmento B)? Há possibilidades de continuação do discurso que a palavra rei evoca. Apresenta-se a metáfora, sendo que a interdependência semântica entre *Lula* e *rei* forma os encadeamentos abaixo enumerados:

- (2) **Onde Lula é rei.** (ISTOÉ, 2011: 60)
- (2.1) Lula DC rei. – **eAE** (argumentação externa à direita da entidade lexical Lula)
- (2.2) Lula DC presidente exemplar – **Eae**
- (2.3) Lula DC homem do povo – **eAE**
- (2.4) Ser Lula DC reduzir a pobreza/ajudar o povo. – **eAE contextual**²³
- (2.5) *Lula reduziu a pobreza DC é rei*²⁴. – **eAE**
- (2.6) Ser rei²⁵ DC ser adorado. – **eAE** (argumentação externa à direita da entidade lexical rei)
- (2.7) Ser rei DC ter poder. – **eAE**
- (2.8) Ser rei DC ajudar o povo/os súditos. – **eAE**
- (2.9) Reinar DC ser rei. – **AEe**

Lembrando que as AI são paráfrases e nelas não consta a entidade lexical, seguem-se as Als das entidades *Lula* e *rei*.

- (2.10) Homem do povo DC é presidente preferido. – **AI** de Lula
- (2.11) *Ser Presidente preferido DC é soberano.* – **AI** de Lula
- (2.12) Ter poder DC ajudar. – **AI** de Lula
- (2.13) Ser adorado DC ser presidente preferido. – **AI** de Lula
- (2.14) Ser soberano DC mandar. – **AI** de rei
- (2.15) Ter poder DC resolver problemas. – **AI** de rei
- (2.16) Ajudar uma cidade DC ser adorado – **AI** da metáfora “Onde Lula é rei”

23. Ducrot (1988, p. 64) explica que a AE estrutural faz parte da significação linguística de uma entidade, estão previstas na língua. Já a AE contextual depende da situação de discurso.

24. Destacamos em itálico esse encadeamento argumentativo porque com ele será desenvolvido o Quadro do Argumentativo na sequência da análise.

25. Torna-se necessário nessa análise a concordância de que se trata de um *bom rei*, pois existem reis e governantes que, por não serem bons, não poderiam fazer compreender essa metáfora.

Apropriando-se, conforme descrito na fundamentação teórica, do conceito AE de uma entidade²⁶, como sendo a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua (Ducrot 2002: 09), o encadeamento (2.1) é a *argumentação externa (AE) à direita*, pois é a qualificação do referente Lula. Nota-se que os encadeamentos (2.1) a (2.5) são argumentações externas à direita da entidade *Lula*, de maneira que ao lexicalizá-la (atribuir encadeamentos argumentativos) constroem o seu sentido. O encadeamento (2.4), “Ser Lula DC reduzir a pobreza/ajudar o povo”, é a argumentação externa à direita da entidade lexical *Lula*, conforme a argumentação externa contextual²⁷. Já o encadeamento (2.5), “*Lula reduziu a pobreza DC é rei*” que apresenta o ponto de vista assumido pelo locutor, é entendido com a eAE de *Lula* e também a argumentação externa à esquerda entidade *rei*, pois chega até ela. Os encadeamentos (2.6) a (2.8) são argumentações externas à direita da entidade lexical *rei*, e o encadeamento “reinar DC ser rei” constitui a AEe (à esquerda) da entidade *rei*. As duas características da AE: de que a entidade faz parte dos seus aspectos e que a eles está associado o aspecto converso (Ducrot; Carel 2005: 63) são percebidas nos encadeamentos argumentativos (2.1) a (2.9), estes assumem o aspecto normativo e não o seu converso (X PT neg-Y), cuja possibilidade de existência é característica das AE.

Na sequência também foram listados os encadeamentos referentes às argumentações internas das entidades *Lula* e *rei*, representando sua lexicalização, ou seja, a descrição do seu sentido no discurso. Os encadeamentos (2.10) a (2.13) são as AI de *Lula*, e os encadeamentos (2.15) e (2.16) as AI de *rei*. As argumentações internas de *rei* e *Lula* (2.7 a 2.10) permitem entender a metáfora “Lula é rei” como responsável por originar o bloco semântico: *redução da pobreza/atuação do rei*, que constrói o quadrado argumentativo com os aspectos normativos e transgressivos, mais suas negações, partindo do encadeamento assumido pelo locutor “*Lula reduziu a pobreza DC é rei*”. Sabe-se que o Brasil é uma República, portanto não é

26. São palavras plenas, às quais se pode atribuir uma AE e uma AI.

27. Dependente da situação de discurso (CAREL; DUCROT, 2005).

possível assumir o sentido literal do *segmento A* (rei), uma vez que para existir um rei o regime de governo deve ser monárquico. Pela polifonia, o sentido literal manifesto por um enunciador não pode ser assumido, ou seja, Lula não é rei na realidade. Tomando o encadeamento (2.2) “ser rei DC ter poder”, caso entendida a entidade *rei* no sentido conotativo, Lula assume o aspecto transposto desse bloco de sentido, “não é rei PT tem poder”.

Essa metáfora do título é oriunda de uma predicação evocada pelo sujeito (Lula é rei); o item lexical “rei” possui, entre outros, os seguintes traços semânticos: é o título de nobreza mais alto; no xadrez é a principal peça; em muitos casos é adorado pelo povo; tem poder e influência para decidir o que fazer; é famoso; a figura do rei na história seria de conotação positiva; para o povo, o rei é símbolo máximo da sociedade. É adorado, carismático, popular, o rei supre/sustenta a sociedade, ao menos é assim que deveria ser um rei. A existência de traços comuns a ambos os segmentos é que estabelece uma compatibilidade e torna sentido maisônico. Assim, “ao dar ao sentido tonicidade, ou seja, ao concentrar significados, a metáfora tem forte valor argumentativo” (Fiorin, 2011: 33). Há o respeito por essa figura mítica, porque o *rei* está associado ao melhor daquela classe ou grupo, por exemplo, o “rei do futebol”, “a rainha do carnaval”, dentre outros. O rei na maioria das vezes não é acessível aos seus súditos, diferente desse caso, sob análise, no qual há a presença do rei (Lula) próximo aos súditos e zeloso por eles.

O advérbio *onde* é dêitico e faz referência a algum lugar fixo, fora do enunciado, nesse caso apenas será possível saber qual é o lugar após a leitura da reportagem. Embora a intenção desse artigo seja seguir os preceitos da ADL/TBS e analisar apenas o enunciado, linguisticamente, para explicar o título da reportagem que constitui o *corpus* de análise, é relevante saber a localidade onde Lula é considerado rei, que faz parte do estado de Pernambuco, chama-se Buenos Aires. Lá (outra referência à categoria de espaço na enunciação) Lula é considerado rei, não por que a ajuda dele a essa região tenha sido maior, mas talvez por que a vida do povo (que saiu da linha da miséria) melhorou muito mais do que nos outros estados, o número de “miseráveis”

decreceu 20% em Pernambuco, graças às políticas sociais (Isto É 2011: 62). Temos então que o lugar onde Lula é rei é a cidade de Buenos Aires, isso foi constatado pela reportagem, através de entrevistas feitas pela revista Istoé, também ao conhecer o feito desse governo, que é considerado o que mais ajudou a população a ter condições humanas de vida; por toda a cidade Lula é considerado rei pela população. É passível de consideração que haja também relação dessa idolatria com o fato de Pernambuco ser a terra natal de Lula, ele nasceu na cidade de Caetés. O rei cuida, vela os seus súditos e, para os moradores dessa pequena cidade, Lula fez o papel de um bom rei.

Para que a visualização seja facilitada e que se percebam as correlações entre as AE e AI, apresenta-se quadro-síntese a partir do encadeamento oriundo do título metafórico “Lula DC rei”.

Quadro 2 – Metáfora II Lula/rei

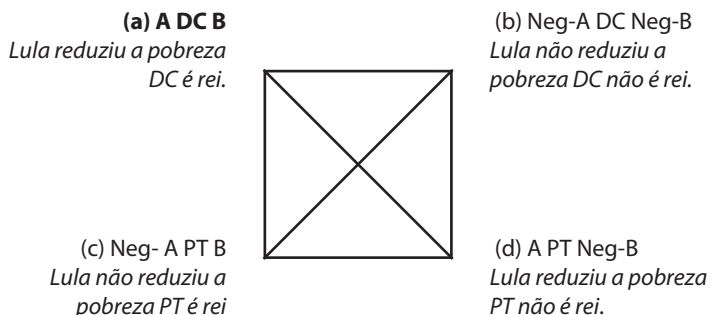
Fonte: Elaborado pelos autores

Encadeamento – Lula DC rei		
AE à direita da entidade lexical <i>Lula</i> .	AE à direita e à esquerda da entidade lexical <i>rei</i> .	AI – de Lula e depois de Rei
(2.2) Lula DC presidente exemplar	(2.6) Ser rei [*] DC ser adorado.	(2.11) Ser Presidente preferido DC é soberano.
(2.3) Lula DC homem do povo	(2.7) Ser rei DC ter poder.	(2.12) Ter poder DC ajudar.
(2.4) Ser Lula DC reduzir a pobreza/ajudar o povo	(2.8) Ser rei DC ajudar o povo/os súditos.	(2.13) Ser adorado DC ser presidente preferido.
(2.5) Lula reduziu a pobreza DC é rei.	(2.9) Reinar DC ser rei	(2.14) Ser soberano DC mandar.
		(2.15) Ter poder DC resolver problemas.
		(2.16) Ajudar uma cidade DC ser adorado
* Torna-se necessário nessa análise a concordância de que se trata de um <i>bom rei</i> .		

Para o sentido global da metáfora, verifica-se que a AI de “Onde Lula é rei” é “ajudar uma cidade DC ser adorado” (2.16), argumentação que é relacionada com o sentido das entidades lexicais descritas, *Lula* e *rei*. Esse título – *Onde Lula é rei* – assume o aspecto normativo, segue o quadrado argumentativo oriundo do bloco semântico *ser rei/reduzir a pobreza*, formado pelo encadeamento (2.5) que é a AE à direita da entidade *Lula* e/ou AE à esquerda da entidade *rei*, que está inscrito no título da reportagem em questão.

No quadrado argumentativo apresentamos a análise dos encadeamentos argumentativos e aspectos assumidos pelo locutor. E em seguida, o quadrado argumentativo correspondente ao bloco semântico (2.11) *Presidente preferido DC é soberano*, correspondente à AI da entidade lexical *Lula*.

BS3 – metáfora (2), encadeamento (2.5)



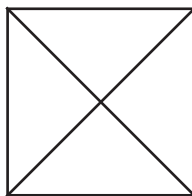
No sentido literal, Lula não é rei, foi presidente do Brasil (2004 – 2010), mas a metáfora constrói o sentido pelas características associadas entre o segmento A (Lula) e o segmento B (rei), portanto deve ser entendida no sentido conotativo. Há uma nova categorização que é abstrata, porque o ex-presidente não passou a ter coroa, trono ou cetro literalmente, mas sim metaforicamente, de modo que é uma metáfora adequada à situação de discurso, ou seja, o locutor constrói a partir dela a opinião da população da cidade de Buenos Aires, em Pernambuco. Podem ser associados encadeamentos argumentativos a essa metáfora, o que se faz para a descrição semântica das palavras e que

auxilia comprovar sua característica argumentativa. Ao entender um rei como aquele que auxilia o povo, no decorrer da história, a maioria dos políticos assumiria o aspecto *A PT Neg-B*, utilizando-se da mesma metáfora, o discurso evocado seria: *É rei PT não ajuda o povo*. Senão vejamos: o aspecto “*Lula reduziu a pobreza PT não é rei*” caso fosse assumido por locutores referentes aos demais estados do país, nos quais houve também a redução da pobreza, mas não há a adoração de um presidente como sendo um rei. Isso seria condicional à situação extralinguística. O aspecto assumido pelo locutor, diga-se pela metáfora, é o normativo *A DC B*, “*Lula reduziu a pobreza DC é rei*”. O emprego de uma palavra permite ou não uma continuação, pois a metáfora propicia continuações inesperadas, assim é possível verificar através da construção do bloco semântico o valor argumentativo da metáfora, que se explica através dos aspectos do bloco semântico responsáveis por construir o sentido da metáfora “Onde Lula é rei”. No quadrado argumentativo correspondente ao bloco semântico que relaciona presidente preferido/ser soberano (2.11), o locutor, nesse caso a população da já citada cidade de Buenos Aires (PE), assume o aspecto normativo (a) “*Presidente preferido DC é soberano*”.

BS4 - metáfora (2), encadeamento (2.11)

(a) *A DC B*
Presidente preferido
DC é soberano

(b) *Neg-A DC Neg-B*
Não é Presidente
preferido DC não é
soberano



(c) *Neg- A PT B*
Não é Presidente
preferido PT é
soberano

(d) *A PT Neg-B*
Presidente preferido
PT não é soberano

O locutor assume, por polifonia, em relação ao Quadrado produto da AE e em relação ao Quadrado da AI, os encadeamentos argumentativos de aspectos normativos “*Lula reduziu a pobreza DC é rei*” e “*Presidente preferido DC é soberano*”, que possibilitam compreender a metáfora do título “Onde Lula é rei”. A relação do locutor com os enunciadores põe em cena a língua e o discurso na enunciação, assim, são as metáforas compreendidas por polifonia. Reiterando, a polifonia representa que o locutor assume um ponto de vista entre os vários (enunciadores)²⁸, contrariando o *axioma da unicidade do sujeito*²⁹

A polifonia tem relação com a TBS na medida em que os aspectos de um bloco semântico correspondem a diferentes pontos de vista de enunciadores, sendo que um será assumido pelo locutor; nessa perspectiva, o sentido do enunciado resultaria da confrontação dessas diferentes vozes. Pode-se, portanto, afirmar que as metáforas também funcionam pela relação de interdependência entre dois segmentos, uma vez que o sentido só é compreendido pela relação entre o tópico e o veículo.

Considerações finais

No início das análises foi possível perceber como as metáforas agem mentalmente, entretanto explicá-las é bastante complexo, pois é preciso buscar o sentido do *veículo* – lembrando que a metáfora é composta por um *tópico* e um *veículo* (Moura 2010) –, nessa proposta, o *tópico* é explicado a partir do encadeamento do discurso evocado. Os dois títulos (1) e (2) são constituídos de metáforas e, a partir das análises, foram identificados os encadeamentos argumentativos e construídos quatro quadrados

28. “Chamo ‘enunciadores’ estes seres que são considerados como se expressando através de palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras. [...] Direi que o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor” (Ducrot 1987:192).

29. Conforme a Teoria Polifônica da Enunciação, desenvolvida por Ducrot (1987) postulando a existência de vários sujeitos no mesmo enunciado, denominados de enunciadores, há a negação da unicidade do sujeito no enunciado.

argumentativos, correspondentes aos blocos semânticos BS1, BS2, BS3 e BS4. Assim, com tal procedimento, foi possível responder à questão norteadora estabelecida neste trabalho, de que as metáforas podem ser analisadas conforme a TBS, comprovando a hipótese de que elas são construções argumentativas.

Uma vez que foi possível associar as metáforas selecionadas a encadeamentos argumentativos, responsáveis por formar blocos semânticos (de sentido) e também argumentações externas e internas, constatamos que elas são construções argumentativas. Os quadrados argumentativos demonstram os diferentes pontos de vista presentes no discurso, conforme a polifonia. Também se confirma a hipótese de que *as metáforas são construções argumentativas* porque as construções metafóricas dos títulos, ao redefinir o tópico (segmento A), pretendem “persuadir”, argumentar em favor da nova construção, diga-se da nova definição, originando encadeamentos argumentativos que lhe dão sentido. Foi adequada a proposta de identificar vários encadeamentos argumentativos através da relação entre o tópico e o veículo, correspondendo a um aspecto *A CON B* e, à luz da TBS, compreender como é construído o sentido dos títulos metafóricos analisados conforme a interdependência semântica entre dois termos no quadrado argumentativo. Uma vez que “argumentar é formar blocos semânticos”, ou “estabelecer encadeamentos argumentativos em DC e PT” (Carel 2009:84), a metáfora ao formar blocos semânticos confirma mais uma vez a hipótese de ser argumentativa. Constatou-se, pela mediação dos procedimentos metodológicos de análise, que as metáforas argumentam em prol da nova categorização, ou seja, o tópico da metáfora passa a ter um conceito diferente daquela que tinha, no caso da metáfora (1) *Lula é rei* e para a metáfora (2) *O pré-sal é um bilhete premiado*. Isso se dá por polifonia, quando na metáfora o locutor assume um ponto de vista, diga-se, um encadeamento. Durante o percurso das análises, em cada metáfora, constatamos que os locutores assumem diferentes pontos de vista que, ao serem identificados, possibilitam perceber a descrição/a construção argumentativa do discurso. O tópico da metáfora entendido nesse artigo como o *segmento A* e o veículo como sendo o *segmento B* tem uma interdependência que constrói o encadeamento argumentativo, formando assim o sentido da metáfora. A aplicação da TBS na

análise de metáforas é viável e auxilia na compreensão da descrição semântica de categorização de um tópico. Torna-se pertinente, após as análises realizadas, afirmar que as metáforas são construções argumentativas nas quais o sentido se forma através da continuação do discurso, continuação essa dada pelo bloco semântico. Parafraseando o postulado de Ducrot (1988), afirma-se, sob a hipótese confirmada nesse artigo, que *a argumentação está inscrita na metáfora*. É da ordem da língua, pois a língua e suas construções lexicais são doadoras de sentido. Entendemos que este estudo possui algo inovador, no que se refere às reflexões atuais acerca do discurso, torna-se um importante referencial para futuras pesquisas, não tomando como acabado, este estudo deve ser visto como uma motivação para o ensino da língua materna sob uma perspectiva discursiva. Com a finalidade de um ensino pautado na compreensão do sentido argumentativo da língua, mais pesquisas devem ser realizadas utilizando-se dos estudos da metáfora e da ADL/TBS.

No âmbito dos estudos linguísticos, este estudo tem por referencial uma das mais significativas teorias acerca do sentido no discurso, diga-se a Teoria da Argumentação na Língua em sua fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos. O cuidado que se deve ter com relação ao estudo realizado é diante do contexto extralinguístico, o qual não deve ser levado em conta, pois para a ADL/TBS não se recorre ao contexto externo do discurso e sim ao contexto da enunciação. Devemos considerar ainda que estudar a descrição do sentido das metáforas sob essa perspectiva teórica amplia a compreensão e utilização desse recurso como possibilidade argumentativa, além de estilística. Sugerimos também, outras pesquisas que possam ser realizadas para a busca de um ensino da língua materna focado na semântica argumentativa do discurso.

Referências bibliográficas

ALDRIGUE, Natália de Sousa. 2007. A metáfora conceptual como recurso argumentativo em folderes turísticos. Dissertação de Mestrado, UFPB, João Pessoa.

CAREL, Marion. 1998. Lexicalização das argumentações. *Cad. Est. Ling.* 35: 55-73.

_____. 2005. O que é argumentar? *Desenredo* 1 (2): 77-84.

_____. 2009. Análise argumentativa do léxico: o exemplo da palavra medo. *Letras de Hoje* 44 (1): 26-35.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. 2005. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos*. Buenos Aires: Colihue.

_____. 2008. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje* 43 (1): 7-18.

DUCROT, Oswald. 1987. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes.

_____. 1988. *Polifonía y argumentación*. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle.

_____. 2002. Os Internalizadores. *Letras de Hoje* 37 (3): 7-26.

FIORIN, José Luiz. 2008. Metáfora e Metonímia: dois processos de construção do discurso. In: *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto. p. 70-91.

_____. 2011. A força da metáfora. *Língua Portuguesa*, 63: 33.

FREITAS, Ernani Cesar de. 2007. *Semântica Argumentativa: a construção do sentido no discurso*. Novo Hamburgo: Feevale.

ISTOÉ. 2011. São Paulo: Três editorial, Ano 35, n.2147, 05 de jan., p. 52; 60.

MOURA, Heronides. 2007. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso* 7 (3): 417-452.

_____. 2008. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. *Revista de Estudos Linguísticos* 16 (1): 179-200.

_____. 2010. Metáfora: o que ela nos ensina sobre a linguagem. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 185 slides: color. Slides gerados a partir do software PowerPoint.